

# *Parnasianismo / Simbolismo*

E	U	
P	A	S-
S	O	

	T	U
P	A	S-
S	A	S

E	L	E
	R	A-
L	A	

## ***Parnasianismo / Simbolismo***

### **O Parnasianismo no Brasil**



*Música, de Edward Burne-Jones.*

Diferentemente do Realismo e do Naturalismo, que se voltavam para o exame e para a crítica da realidade, o Parnasianismo representou na poesia um retorno ao clássico, com todos os seus ingredientes: o princípio do belo na arte e a busca do equilíbrio e da perfeição formal. Na obra de Olavo Bilac, ainda ganhou traços de sensualidade e patriotismo.

Se examinarmos a história da arte e da literatura, veremos que ela se constrói em ciclos. O ser humano está sempre rompendo com aquilo que considera ultrapassado e propondo algo “novo”. Esse novo, porém, muitas vezes não passa de algo ainda mais velho, só que revestido de uma linguagem diferente.

É o caso do Parnasianismo, movimento de inspiração clássica que ganhou pouco destaque na Europa, mas teve muita repercussão no Brasil a partir da década de 1880. Depois da revolução romântica, que impôs novos parâmetros e novos valores artísticos, formou-se em nosso país um grupo de poetas que desejava restaurar a poesia clássica, desprezada pelos românticos. Propunham uma poesia objetiva, de elevado nível vocabular, racionalista, bem-acabada do ponto de vista formal e voltada para temas universais.

A origem da palavra Parnasianismo associa-se ao Parnaso grego, segundo a lenda um monte da Fócida, na Grécia central, consagrado a Apolo e às musas.

A escolha do nome já comprova o interesse dos parnasianos pela tradição clássica.

Acreditavam que, apoiando-se nos modelos clássicos, estariam combatendo os exageros de emoção e fantasia do Romantismo e, ao mesmo tempo, garantindo o equilíbrio que almejavam.

Contudo, a presença de elementos clássicos na poesia parnasiana não ia além de algumas referências a personagens da mitologia e de um enorme esforço de equilíbrio formal. Pode-se afirmar que o conteúdo clássico dessa arte não passava de um verniz que a revestia artificialmente e tinha por finalidade garantir-lhe prestígio entre as camadas letradas do público consumidor brasileiro.

## A Batalha do Parnaso

As ideias parnasianas já vinham sendo difundidas no Brasil desde a década de 1870. No final dessa década travou-se no jornal Diário do Rio de Janeiro uma polêmica literária que reuniu, de um lado, os adeptos do Romantismo e, de outro, os adeptos do Realismo e do Parnasianismo. o saldo da polêmica, que ficou conhecida como Batalha do Parnaso, foi ampla divulgação das ideias do Realismo e do Parnasianismo nos meios artísticos e intelectuais do país.

A primeira publicação considerada de fato parnasiana é a obra Fanfarras (1882), de Teófilo Dias. Entretanto, caberia a Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac, Vicente de Carvalho e Francisca Júlia o papel de implantar e solidificar o movimento entre nós, bem como definir melhor os contornos de seu projeto estético.

## Olavo Bilac: o ourives da linguagem



*Olavo Bilac.*

Olavo Bilac (1865-1918) nasceu no Rio de Janeiro, estudou Medicina e Direito, mas não concluiu nem um desses cursos. Exerceu as atividades de jornalista e inspetor escolar, tendo devotado boa parte de seu trabalho e de seus escritos à educação. Foi defensor da instrução primária, da educação física e do serviço militar obrigatório. Patriota, escreveu a letra do Hino à Bandeira e dedicou-se a temas de caráter histórico-nacionalista.

Sua primeira obra publicada foi *Poesias* (1888). Nela, o poeta já demonstrava estar plenamente identificado com as propostas do Parnasianismo, como comprova seu poema “Profissão de fé”. Mas a concepção poética excessivamente formalista defendida por esse poema nem o próprio Bilac seguiu à risca. Vez ou outra depreende-se de seus textos certa valorização dos sentimentos que lembra o Romantismo. Apesar de menos conhecidos do público, há na produção de Bilac poemas amorosos de forte sensualidade, que o tornam sempre lembrado entre os autores brasileiros que cultivaram a poesia erótica. Como exemplo dessa face do poeta, veja este poema.

### Tercetos

I

Noite ainda quando ela me pedia  
Entre dois beijos que me fosse embora,  
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Espera ao menos que desponte a aurora!

Tua alcova é cheirosa como um ninho...  
E olha que escuridão há lá fora!

Como queres que eu vá, triste e sozinho,  
Casando a treva e o frio de meu peito  
Ao frio e à treva que há pelo caminho?!

Ouves? É o vento! É um temporal desfeito!  
Não me arrojés à chuva e à tempestade!  
Não me exiles do vale do teu leito!

Morrerei de aflição e de saudade...  
Espera! Até que o dia resplandeça,  
Aquece-me com a tua mocidade!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça  
Repousar, como há pouco repousava...  
Espera um pouco! Deixa que amanheça!”

- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

II  
E, já manhã, quando ela me pedia  
Que de seu claro corpo me afastasse,  
Eu, com os olhos em lágrimas, dizia:

“Não pode ser! Não vês que o dia nasce?  
A aurora, em fogo e sangue, as nuvens corta...  
Que diria de ti quem me encontrasse?

Ah! nem me digas que isso pouco importa! ...  
Que pensariam, vendo-me, apressado,  
Tão cedo assim, saindo a tua porta,

Vendo-me exausto, pálido, cansado,  
E todo pelo aroma de teu beijo  
Escandalosamente perfumado?  
O amor, querida, não exclui o pejo,

Espera! Até que o sol desapareça,  
Beija-me a boca! Mata-me o desejo!

Sobre o teu colo deixa-me a cabeça  
Repousar, como há pouco repousava!  
Espera um pouco! Deixa que anoiteça!”

- E ela abria-me os braços. E eu ficava.

(*Melhores poemas de Olavo Bilac. Seleção de Marisa Lajolo. 4. ed. São Paulo: Global, 2003. p, 87-90,*)



*Olavo Bilac, o "príncipe dos poetas", em caricatura de Celso.*

Como num diálogo com o poema “Boa noite”, de Castro Alves, o poema de Bilac igualmente sugere o passar das horas sem que os amantes consigam desvencilhar-se do ato amoroso. Primeiramente, alegando motivos meteorológicos: a treva, o frio, a tempestade; depois, quando amanhece, alegando cuidados com a reputação da mulher amada. Assim, ciclicamente os amantes dão continuidade ao amor,



A saber:

**Boa noite – Castro Alves**

Boa noite, Maria

A lua nas janelas bate em cheio...

Boa noite, Maria! É tarde... é tarde...

Não me apertes assim contra teu seio.

Boa noite!... E tu dizes – Boa noite.

Mas não digas assim por entre beijos...

Mas não me digas descobrindo o peito,

- Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julietta do céu! Ouve... a calhandra

Já rumoreja o canto da matina.

Tu dizes que eu menti? ... pois foi mentira...

... Quem cantou foi teu hálito, divina!

Se a estrela-d'alva os derradeiros raios

Derrama nos jardins do Capuleto,

Eu direi, me esquecendo d'alvorada:

“É noite ainda em teu cabelo preto...”

É noite ainda! Brilha na cambraia

- Desmanchando o roupão, a espádua nua –

O globo de teu peito entre os arminhos

Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Brilha na cambraia

- Desmanchando o roupão, a espádua nua –

O globo de teu peito entre os arminhos

Como entre as névoas se balouça a lua...

É noite, pois! Durmamos, Julietta!

Recende a alcova ao trespasar das flores,

Fechemos sobre nós estas cortinas...

- São as asas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lâmpada  
Lambe voluptuosa os teus contornos...  
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos  
Ao doudo afago de meus lábios mornos.

Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos  
Treme tua alma, como a lira ao vento,  
Das teclas de teu seio que harmonias,  
Que escalas de suspiros, bebo atento!

Ai! Canta a cavatina do delírio,  
Ri, suspira, soluça, anseia e chora...  
Marion! Marion!... É noite ainda.  
Que importa os raios de uma nova aurora?!...

Como um negro e sombrio firmamento,  
Sobre mim desenrola teu cabelo...  
E deixa-me dormir balbuciando:  
- Boa noite! –, formosa Consuelo...

Entre as obras que Bilac escreveu, destacam-se *Via láctea*, em que a objetividade parnasiana evolui para uma postura mais intimista e subjetiva; *Sarças de fogo*, em que predominam a objetividade e o sensualismo; e *O caçador de esmeraldas*, obra de preocupação histórica e nacionalista. Em parceria com Manoel Bonfim, escreveu *Através do Brasil*, uma coletânea de textos literários voltados para o público escolar.

### Leitura

Você vai ler, a seguir, dois dos mais conhecidos sonetos de Olavo Bilac.

### Via láctea

#### Soneto XIII

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...

---



E conversamos toda a noite, enquanto  
A via láctea, como um pátio aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: “Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas.”

*(Melhores poemas de Olavo Bilac, cit., p. 44.)*

#### **Nel mezzo del camin...**

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada  
E triste, e triste e fatigado eu vinha.  
Tinhas a lama de sonhos povoada,  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada  
Da vida: longos anos, presa à minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... na partida  
Nem o pranto os teus olhos umedece,  
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do caminho extremo.”

*(Idem, p. 78.)*

#### **Raimundo Correia: a pesquisa da linguagem**

---

Raimundo Correia (1860-1911) é um dos poetas que, juntamente com Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, formam a chamada “tríade parnasiana”. Maranhense, estudou Direito em São Paulo e foi magistrado em vários estados brasileiros.

Sua poesia, no movimento parnasiano, representa um momento de descontração e de investigação. Nela se verificam pelo menos três fases:

- A fase romântica: com a influência de Casimiro de Abreu e Fagundes Varela, é representada por Primeiros sonhos (1879);
- A fase parnasiana propriamente dita: representada pelas obras Sinfonias (1883) e Versos e versões (1887), é marcada pelo pessimismo de Schopenhauer – pensador alemão que defendia a ideia de que todas as dores e males do mundo provêm da vontade de viver – e por reflexões de ordem moral e social;
- A fase pré-simbolista: nela, o pessimismo diante da condição humana busca refúgio na metafísica e na religião, enquanto a linguagem apresenta uma pesquisa em musicalidade e sinestesia.

### Leitura

O texto que segue é um dos mais conhecidos poemas de Raimundo Correia e um bom exemplo das qualidades técnicas do autor como sonetista. Observe como os versos, as imagens e a língua são empregados com fluência e naturalidade:

### As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...  
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombais, apenas  
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
Ruflando as asas, sacudindo as penas,  
Voltam todas em bando e em revoadas...

Também dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um céleres voam,  
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam  
Fogem... Mas os pombais as pombas voltam,

---

E eles aos corações não voltam mais...

(In: Benjamim Abdala Jr., org. *Antologia da poesia brasileira – Realismo e Parnasianismo*. São Paulo: Ática, 1985. p. 35.)

### Alberto de Oliveira

(1857-1937) foi uma espécie de líder do Parnasianismo e, ao mesmo tempo, o poeta que melhor se adequou aos princípios do movimento. Sua poesia é fria e intelectualizada, com um gosto acentuado pelo preciosismo formal e linguístico. Defendia a “arte pela arte” e, em vez de se interessar pela realidade brasileira, preferia buscar inspiração nos modelos clássicos que perseguia: os poetas barrocos e árcades portugueses.

Enquanto se travavam as lutas pela Abolição e pela República, Alberto de Oliveira afirmava: “Eu hoje dou a tudo de ombros, pouco me importam paz ou guerra e não leio jornais”.

Distante, então, dos problemas sociais, pôs-se a descrever vasos gregos e chineses.

Entre suas obras destacam-se *Meridionais* (1884) e *Versos e rimas* (1895).

### Vaso grego

Esta de áureos relevos, trabalhada  
De divas mãos, brilhante copa, um dia,  
Já de aos deuses servir como cansada,  
Vinda do Olimpo, a um novo deus servia.

Era o poeta de Teos que a suspendia  
E então, e, ora repleta ora esvazada,  
A taça amiga aos dedos seus tinha,  
Toda de roxas pétalas colmada.

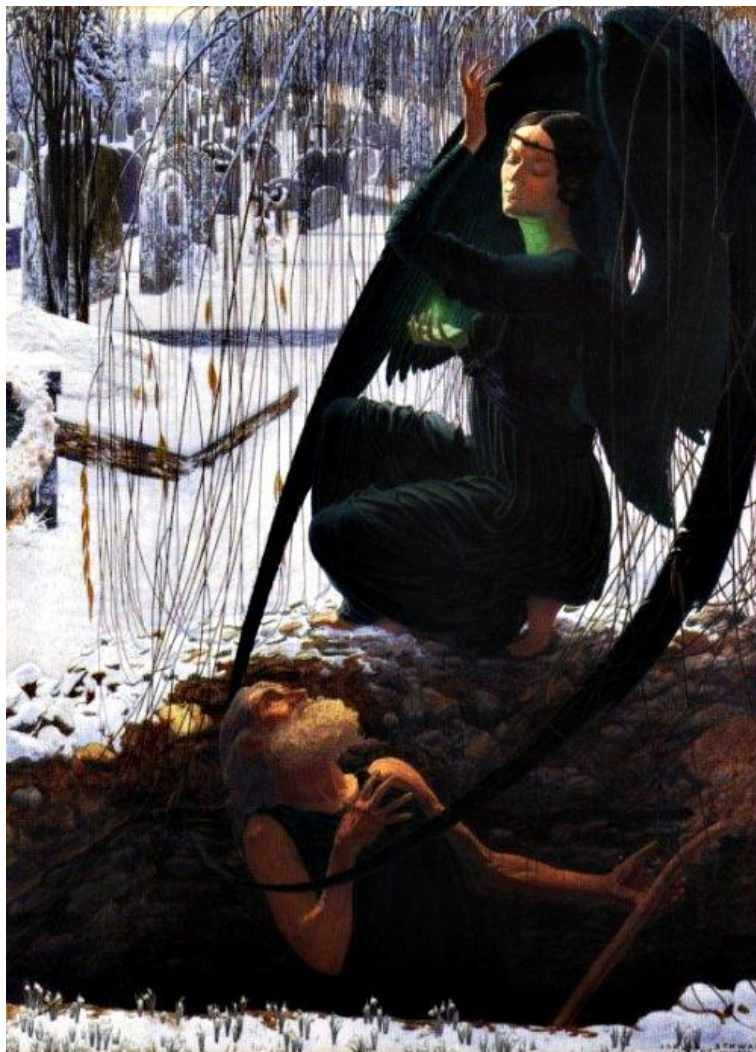
Depois... Mas o lavor da taça admira,  
Toca-a, e do ouvido aproximando-a, às bordas  
Finas hás de lhe ouvir, canora e doce,

Ignota voz, qual se da antiga lira  
Fosse a encantada música das cordas,  
Qual se essa voz de Anacreonte fosse.

(In: Antonio Candido e José A. Castello. *Presença da literatura brasileira – Das origens ao Romantismo*, cit., p. 228.)

## Simbolismo

### História social do Simbolismo



*A morte do escavador (1890), do pintor simbolista alemão Carlos Schwabe.*

O fato de uma estética literária vigorar em determinado momento histórico não significa que todas as pessoas e grupos sociais daquele momento tenham vivido e pensado da mesma forma. Pode-se dizer que nas épocas históricas há uma ideologia predominante, mas não global.

Nas últimas décadas do século XIX, por exemplo, em meio à onda de cientificismo e materialismo que deu origem ao Realismo e ao Naturalismo, surge um grupo de artistas e intelectuais que põem em dúvida a capacidade absoluta da ciência de explicar todos os

fenômenos relacionados ao homem. Não creem no conhecimento “positivo” e no progresso social prometidos pela ciência.

Pensam que, assim como a ciência, a linguagem é limitada. A primeira, para traduzir a complexidade humana, e a segunda, para representar a realidade como ela de fato é, podendo, no máximo, sugerir-la.

Estudar a literatura do período implica conhecer a crise espiritual que marcou esse momento histórico e ver de que modo ela acarretou uma nova forma de ver e sentir o mundo e, conseqüentemente, uma nova forma de expressão artística: a arte simbolista.

### A linguagem do Simbolismo



*A mulher oriental, de Odilon Redon.*

Embora acentue sob alguns aspectos o requinte da arte pela arte, o Simbolismo se opõe tanto ao Realismo quanto ao Parnasianismo, situando-se muito próximo das orientações românticas, de que é em parte uma revivescência.

### Leitura

---



Tanto o Simbolismo francês quanto o brasileiro foram fortemente influenciados pela obra de Charles Baudelaire (1821-1867), poeta pós-romântico francês considerado precursor não apenas do Simbolismo, mas de toda a poesia moderna. Você vai ler, a seguir, três poemas: o primeiro, “Correspondências”, é uma das mais conhecidas produções de Baudelaire; o segundo, “Violões que choram...”, é de Cruz e Sousa, considerado o principal poeta simbolista brasileiro; e o terceiro, “Sobre um mar de rosas que arte”, é do poeta baiano Pedro Kilkerry.

### Correspondências

A Natureza é um templo onde vivos pilares  
Deixam sair às vezes palavras confusas:  
Por florestas de símbolos, lá o homem cruza  
Observado por olhos ali familiares.

Tal longos ecos longe onde lá se confundem  
Dentro de tenebrosa e profunda unidade  
Imensa como a noite e como a claridade,  
Os perfumes, as cores e os sons se transfundem.

Perfumes de frescor tal a carne de infantes,  
Doces como o oboé, verdes igual ao prado,  
- Mais outros, corrompidos, ricos, triunfantes,

Possuindo a expansão de um algo inacabado,  
Tal como o âmbar, almíscar, benjoim e incenso,  
Que cantam o enlevar dos sentidos e o senso.

*(Charles Baudelaire, In: José Grunewald, org. e trad. Poetas franceses do século XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991. p. 59.)*

**Almíscar:** substância de origem persa, de odor penetrante e persistente, obtida a partir de uma bolsa situada no abdome do almiscareiro macho.

**Âmbar:** aroma, cheiro suave; o que tem cor entre o acastanhado e o amarelado.

**Benjoim:** resina balsâmica, aromática, usada para a fabricação de incensos e cosméticos.

**Oboé:** instrumento de sopro.

**Prado:** campina.

**Transfundir:** transformar-se, converter-se; levar algo a se tornar parte de outra coisa.

### Violões que choram...

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,



Soluços ao luar, choros ao vento...  
Tristes perfis, os mais vagos contornos,  
Bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,  
Noites da solidão, noites remotas  
Que nos azuis da Fantasia bordo,  
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua,  
Anseios dos momentos mais saudosos,  
Quando lá choram na deserta rua  
As cordas vivas dos violões chorosos.

Quando os sons dos violões vão soluçando,  
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,  
E vão dilacerando e deliciando,  
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Harmonias que pungem, que laceram,  
Dedos nervosos e ágeis que percorrem  
Cordas e um mundo de dolências geram  
Gemidos, prantos, que no espaço morrem...

E sons soturnos, suspiradas mágoas,  
Mágoas amargas e melancolias,  
No sussurro monótono das águas,  
Noturnamente, entre ramagens frias.

Vozes veladas, veludasas vozes,  
Volúpias dos violões, vozes veladas,  
Vagam nos velhos vórtices velozes  
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Tudo nas cordas dos violões ecoa  
E vibra e se contorce no ar, convulso...  
Tudo na noite, tudo clama e voa  
Sob a fértil agitação de um pulso.

Que esses violões nevoentos e tristonhos  
São ilhas de degredo atroz, funéreo,  
Para onde vão, fatigadas do sonho,  
Almas que se abismaram no mistério.

(Cruz e Sousa. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 50-1.)

**Dolência:** mágoa, dor.

**Ignoto:** ignorado, desconhecido.

**Lacerar:** dilacerar, cortar em pedaços.

**Plangente:** lastimoso, que chora.

**Pungir:** gerir, causar dor.

**Sobre um mar de rosas que arde**

Sobre um mar de rosas que arde

Em ondas fulvas, distante,

Erram meus olhos, diamante,

Como as naus dentro da tarde.

Asas no azul, melodias,

E as horas são velas fluidas

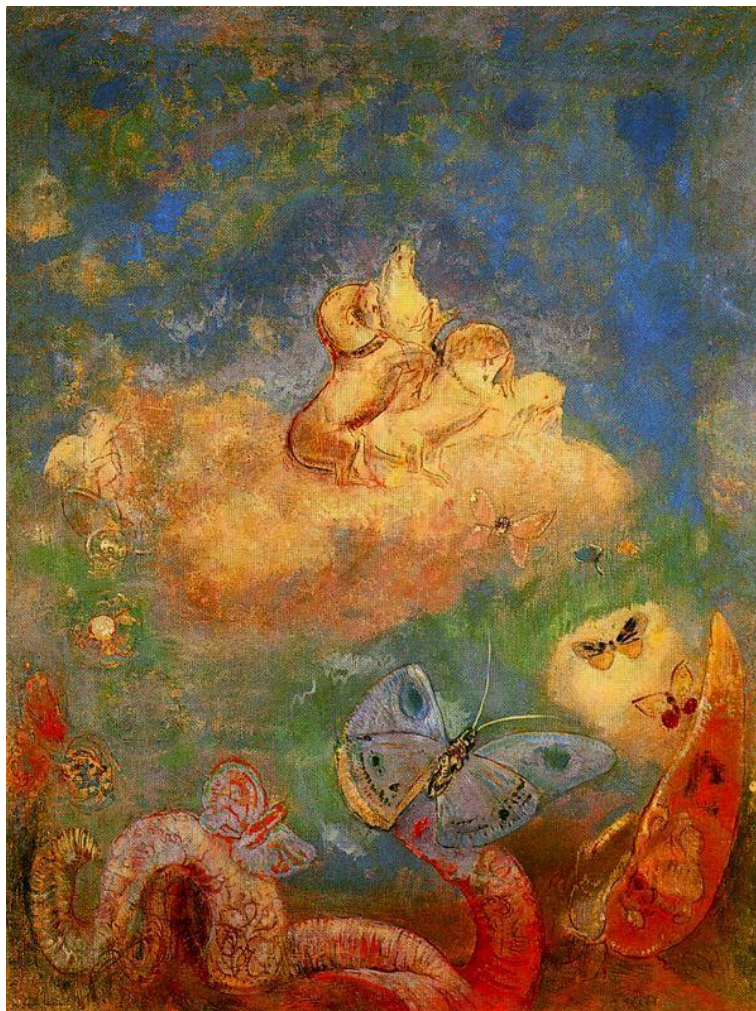
Da nau em que, oh! Alma, descuidas

Das esperanças tardias.

(Pedro Kilkerry. In: Ítalo Moricone. *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva.)

**Fulvo:** cor amarelada, alaranjada; amarelo-ouro ou castanho-avermelhado.

## O Simbolismo no Brasil



*O carro de Apolo (1905-1914), de Odilon Redon,  
uma das principais expressões da pintura simbolista*

Ao contrário do que ocorreu na Europa, onde o Simbolismo se sobrepôs ao Parnasianismo, no Brasil o movimento simbolista foi quase inteiramente afastado pelo movimento parnasiano, que gozou de amplo prestígio entre as camadas cultas da sociedade, até as primeiras décadas do século XX. Apesar disso, a produção simbolista deixou contribuições significativas, preparando terreno para as grandes inovações que iriam ocorrer no século XX, no domínio da poesia.

As primeiras manifestações simbolistas já eram sentidas no Brasil desde o final da década de 80 do século XIX. Apesar disso, tem-se apontado como marco introdutório do movimento simbolista brasileiro a publicação, em 1893, das obras *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia), de nosso maior autor simbolista: Cruz e Sousa.

Além de Cruz e Sousa, destacam-se, entre outros, Alphonsus de Guimaraens e Pedro Kilkerry (recentemente redescoberto pela crítica).

### Cruz e Sousa: o cavador do infinito



*Cruz e Sousa.*

Cruz e Sousa (1861-1898) nasceu em Florianópolis, Santa Catarina. Filho de escravos, foi amparado por uma família aristocrática, que ajudou nos estudos. Com a morte do protetor, abandonou os estudos e começou a trabalhar na imprensa catarinense, escrevendo crônicas abolicionistas e participando diretamente de campanhas em favor da causa negra. Ele próprio mais de uma vez fora vítima de preconceito racial. Em 1890, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde sobreviveu trabalhando em vários empregos. Depois de ter tido na juventude uma grande desilusão amorosa, ao apaixonar-se por uma artista branca, casou-se com Gavita, uma negra que, anos depois, manifestou problemas mentais. Dos quatro filhos que o casal teve, apenas dois sobreviveram. Cruz e Sousa morreu aos 36 anos, vítima de tuberculose. Suas únicas obras publicadas em vida são *Missal* e *Broquéis*.



Hoje, Cruz e Sousa é considerado o mais importante poeta simbolista brasileiro e um dos maiores poetas nacionais de todos os tempos. Contudo, o escritor só teve seu valor reconhecido postumamente, depois de ter sido incluído pelo sociólogo francês Roger Bastide entre os maiores poetas do Simbolismo universal.

Sua obra poética apresenta diversidade e riqueza. De um lado, encontram-se nela aspectos noturnos do Simbolismo, herdados do Romantismo: o culto da noite, certo satanismo, o pessimismo, a morte.

De outro lado, há certa preocupação formal, que aproxima o poeta dos parnasianos: a forma lapidar, o gosto pelo soneto, o verbalismo requintado, a força das imagens; há, ainda, a inclinação à poesia meditativa e filosófica, que o aproxima da poesia realista portuguesa, principalmente da produzida por Antero de Quental.

### **A poesia metafísica e a dor de existir**

Juntamente com o poeta realista português Antero de Quental e o pré-modernista brasileiro Augusto dos Anjos, Cruz e Sousa apresenta uma das poéticas de maior profundidade em língua portuguesa, em razão da investigação filosófica e da angústia metafísica presentes nas suas composições.

Na obra de Cruz e Sousa, o drama da existência revela uma provável influência das ideias pessimistas do filósofo alemão Schopenhauer, que marcaram o final do século XIX. Além disso, certas posturas verificadas em sua poesia – o desejo de fugir da realidade, de transcender a matéria e integrar-se espiritualmente no cosmo – parecem originar-se não apenas do sentimento de opressão e mal-estar produzido pelo capitalismo, mas também do drama racial e pessoal que o autor vivia.

A trajetória da obra de Cruz e Sousa parte da consciência e da dor de ser negro, em Broquéis, e chega à dor de ser homem, em Faróis e Últimos sonetos, obras póstumas nas quais sobressai a busca da transcendência. Observe a dor existencial nos versos a seguir, de “Cárcere das almas”:

### **Cárcere das almas**

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,  
Soluçando nas trevas, entre as grades  
Do calabouço olhando imensidades,  
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza  
Quando a alma entre grilhões as liberdades  
Sonha e, sonhando, as imortalidades

Rasga no etéreo Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas  
Nas prisões colossais e abandonadas,  
Da Dor no calabouço, atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,  
Que chaveiro do Céu possui as chaves  
Para abrir-vos as portas do Mistério?!

*(Poesias completas. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. p. 94.)*

As características mais importantes da poesia de Cruz e Sousa são:

- No plano temático: a morte, a transcendência espiritual, a integração cósmica, o mistério, o sagrado, o conflito entre matéria e espírito, a angústia e a sublimação sexual, a escravidão e uma verdadeira obsessão por brilhos e pela cor branca;
- No plano formal: as sinestesias, as imagens surpreendentes, a sonoridade das palavras, a predominância de substantivos e o emprego de maiúsculas, utilizadas com a finalidade de dar um valor absoluto a certos termos.

Leia, a seguir, dois dos melhores poemas de Cruz e Sousa:

### **Cavador do Infinito**

Com a lâmpada do Sonho desce aflito  
E sobe aos mundos mais imponderáveis,  
Vai abafando as queixas implacáveis,  
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo escrito  
Sente, em redor, nos astros inefáveis.  
Cava nas fundas eras insondáveis  
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava  
Mais o Infinito se transforma em lava  
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho  
E com seu vulto pálido e tristonho



Cava os abismos das eternas ânsias!

*(Poesias completas, cit., p. 109.)*

**Imponderável:** que não se pode pesar ou avaliar.

**Inefável:** indescritível, encantador.

### **O Assinalado**

Tu és o louco da imortal loucura,  
O louco da loucura mais suprema.  
A Terra é sempre a tua negra algema,  
Prende-te nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,  
Mas essa mesma Desventura extrema  
Faz que tua alma suplicando gema  
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado  
Que povoa o mundo despovoado,  
De belezas eternas, pouco a pouco.

Na Natureza prodigiosa e rica  
Toda a audácia dos nervos justifica  
Os teus espasmos imortais de louco!

*(Idem, p. 102.)*

**Alphonsus de Guimaraens**



*Alphonsus de Guimaraens.*

Alphonsus de Guimaraens (1870-1921) nasceu em Ouro Preto, estudou Direito em São Paulo e durante muitos anos foi juiz em Mariana, cidade histórica vizinha de Ouro Preto.

Marcado ainda muito jovem pela morte da prima Constança, a quem amava e que tinha apenas 17 anos, sua poesia é quase toda voltada para o tema da morte da mulher amada. Todos os outros temas que explorou, como natureza, arte e religião, estão de alguma forma relacionados ao primeiro.

A exploração do tema da morte abriu ao poeta, por um lado, o vasto campo da literatura gótica ou macabra dos escritores ultrarromânticos, recuperada por alguns simbolistas; por outro lado, possibilitou a criação de uma atmosfera mística e litúrgica, em que abundam referências ao corpo morto, ao esquife, às orações, às cores roxa e negra, ao sepultamento, conforme exemplifica este texto:

Mãos de finada, aquelas mãos de neve,  
De tons marfíneos, de ossatura rica,  
Pairando no ar, num gesto brando e leve,  
Que parece ordenar mas que suplica.

O conjunto da poesia de Alphonsus de Guimaraens é uniforme e equilibrado. Temas e formas se repetem e se aprofundam no decorrer de quase trinta anos de produção literária, consolidando um de nossas poéticas mais místicas e espiritualistas.

O crítico Alfredo Bosi considera que “de Cruz e Sousa para Alphonsus de Guimaraens sentimos uma descida de tom”; isso porque a universalidade, a dor da existência e as sensações de voo e vertigem que caracterizam a linguagem simbolista de Cruz e Sousa ganham limites mais estreitos na poesia de Alphonsus de Guimaraens, presa ao ambiente místico da cidade de Mariana e ao drama sentimental vivido na adolescência.

Formalmente o poeta revela influências árcades e renascentistas, sem, contudo, cair no formalismo parnasiano. Embora preferisse o verso decassílabo, Alphonsus chegou a explorar outras métricas, particularmente a redondilha maior, de longa tradição popular, medieval e romântica.

O poema que segue é o mais popular de Alphonsus de Guimaraens.

### Ismália

Quando Ismália enlouqueceu,  
Pôs-se na torre a sonhar...  
Viu uma lua no céu,  
Viu outra lua no mar.

No sonho em que se perdeu,  
Banhrou-se toda em luar...  
Queria subir ao céu,  
Queria descer ao mar...

E, no desvario seu,  
Na torre pôs-se a cantar...  
Estava perto do céu,  
Estava longe do mar...

E como um anjo pendeu  
As asas para voar...  
Queria a lua do céu,  
Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu  
Ruflaram de par em par...  
Sua alma subiu ao céu,  
Seu corpo desceu ao mar...

(In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1960. p. 467.)

## Exercícios

1. Para responder a questão a seguir, considere os versos:

“Longe do estéril turbilhão da rua,  
Beneditino, escreve! No aconchego,  
Do claustro, na paciência e no sossego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!  
Mas que na forma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Pelas características desse texto, é correto afirmar que pertence à estética

- a) Simbolista; seu tema é a entrega às sensações geradas pela poesia; o trabalho do poeta é suscitar imagens fortes.
- b) Romântica; seu tema é a evasão no espaço; o trabalho do poeta é visto como extravasamento da emoção.
- c) Parnasiana; seu tema é a própria poesia; o trabalho do poeta é visto como busca da perfeição formal.
- d) Modernista; seu tema é a agitação da vida moderna; o trabalho do poeta é visto como registro dessa agitação.
- e) Barroca; seu tema é a religiosidade; o trabalho do poeta é visto como sacrifício.

## ***Gabarito***

1. C